# A Rede Allians

© 2023 — José Andrade Filho

# A Rede Allianz

José Andrade Filho

Inspirado pelo Espírito

Luiz Vaz

Todos os direitos desta edição reservados a
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – Vila Teixeira
Marques CEP 13485-150 — Limeira — SP
Fone: 19 3451-5440
www.edconhecimento.com.br
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão, por escrito, do editor.

Projeto gráfico: **Sérgio Carvalho**
Ilustração da Capa: **Banco de imagens**
Revisão: **Mariléa de Castro**

ISBN 978-65-5727-151-3 — 1ª Edição – 2023

• Impresso no Brasil • *Presita en Brazilo*

Produzido no departamento editorial da
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA

Impresso na
Primeira Leitura
a gráfica digital da **EDITORA DO CONHECIMENTO**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

Filho, José Andrade

A Rede Allianz / pelo espírito Luiz Vaz ; psicografado pelo médium José Andrade Filho – Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2023.

290 p.

ISBN: 978-65-5727-151-3

1. Literatura espírita 2. Espiritismo 3. Obra psicografada I. Título II.

23- CDD – 133.9

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura espírita

**José Andrade Filho**

# A Rede Allianz

Romance histórico transcendental
Inspirado em uma história real

**Inspirado pelo espírito Luiz Vaz**

1ª edição – 2023

EDITORA DO CONHECIMENTO

Os eventos históricos narrados neste livro são verídicos. Os personagens tiveram seus nomes reais preservados. Muitos ambientes são reais e representam fatos históricos concretos, episódios descritos com veracidade e precisão. A narrativa foi singularmente contextualizada com ações fictícias, fruto da criação imaginativa do autor, para situar o enredo no espaço e no tempo e compor um cenário verossímil que preenchesse as lacunas deixadas pela falta de informações e possibilitar o sequenciamento da história. Personagens, locais e ambientações históricas poderão guardar semelhanças.

Em homenagem a todas as anônimas pessoas que perderam a vida durante a ocorrência do segundo grande conflito mundial que envolveu diversas nações do planeta e infligiu dores e sofrimentos acerbos a milhões de pessoas, e aos verdadeiros heróis esquecidos que direta ou indiretamente lutaram pela liberdade e inspiraram esta história.

(*In memoriam victimarum et defensorum veritatis et libertatis*)

*Em memória das vítimas e dos defensores da verdade e da liberdade*

## Personagens

**Núcleo-base das redes Exodus e Allianz**
– Karl Von Hauer Oyster – Empresário austríaco naturalizado brasileiro
– Ester Mohler Hauer – Esposa de Karl
– Franz Maurer – Padre católico, amigo de Karl
– Romy Schell – Atriz e cantora lírica da Ópera Estatal de Viena, amiga de Karl
– Fritz Koch – Diplomata alemão
– Anne Sophie – Amante de Fritz
– Henrich Von Hauer – Irmão de Karl e vice-presidente da indústria da família
– Maelle Von Hauer – Esposa de Henrich
– Albert (10 anos) e Jaine (8anos) – Filhos de Henrich e Maelle

**Colaboradores das redes Exodus e Allianz**
– Antal Rácz – Músico húngaro, ex-diretor artístico da Orquestra Filarmônica de Viena / funcionário da embaixada húngara
– Gabor Kovacs – Agente em Budapeste – Hungria
– Hajna Mihály – Agente em Budapeste – Hungria
– Marie Krauze – Secretária particular de Fritz na embaixada alemã

**Outros personagens**
– Allen Welsh Dulles – Chefe da OSS / EUA – Serviço secreto dos EUA / Aliados
– Albert Speer – Ministro do Armamento e Produção de Guerra do Reich
– Werner Pohl – Coronel do Exército alemão – Chefe de Gabinete do Ministério do Armamento e Produção de Guerra nazista sediado em Viena
– Manfred Herst – Agente da Gestapo (Polícia política alemã)
– Nikolácz – Agente húngaro subordinado de Manfred
– Hektor – Dupla de Manfred na Gestapo
– Hermann Freitag – Membro do partido nazista austríaco
– Evelyn – Amiga de Anne Sophie
– Dieter Schonz – Parlamentar austríaco

– Heidi – Esposa de Dieter
– Wolfgang Klein – Comerciante inescrupuloso e filantropo da filarmônica de Viena
– Liz Mohler – Irmã de Ester Von Hauer
– Bernt – Fiscal da SD – Serviço de inteligência alemão
– Milózevic – Encarregado de transportes em Budapeste
– Singer – Motorista de Karl
– Mayla – Esposa de Singer
– Wagner – Filho de Singer
– Greta Shiller – Amante de Gabor Kovacs
– Robert Preston – Agente da OSS / EUA
– Joseph Neder – Colaborador avulso da rede allianz
– Joubert Gabay – Marido de Anne Sophie
– Max Berger – Diretor artístico da Ópera de Viena – substituto de Antal Rácz
– Jordan Kursweil – Soldado alemão e marido de Evelyn
– Joseph Von Hauer – Pai de Karl
– Oskar Fur – Avaliador industrial nazista
– Arthur Seyss-Inquart – Líder do partido nazista austríaco
– Patrik – Olheiro húngaro do Posto de fronteira e guia
– Miska – Guarda húngaro do Posto de fronteira
– Emma – Álibi de Fritz no Café Bertrauss
– Hainz Menner – Diretor da indústria aeronáutica Masserschimitt
– Margareth Rubner – "Marg", viúva da fazenda
– Johann – Empregado da fazenda de Marg
– Elena – Idosa judia

**Personagens espirituais**
– Elias – Mentor e espírito protetor de Karl
– Raika – Mãe de Ester
– Lourdes – Acompanhante de Ester
– Lauren – Enfermeira da Colônia Hoffnung (Esperança)
– Otoniel – Diretor do hospital da colônia Hoffnung
– Meine – Enfermo espiritual
– Peter e Nancy Stainer – Amigos espirituais de Raika
– Jonas – Socorrista espiritual da equipe de Elias

# Capítulo 1

**Viena, Áustria, abril de 1944**

Diariamente, por volta de cinco horas da tarde, Karl Von Hauer percorria o trajeto do escritório de sua empresa para casa, passando por caminhos diferentes. Transitava, apreensivo, com o seu Mercedes Benz 500K *Touren Wagon*, modelo 1935, pelas ruas do centro da cidade de Viena. Ao passar pelo portão oeste de acesso aos jardins do Palácio de *Hofburg,* Karl determinou a Singer, seu motorista, que estacionasse o veículo por um breve instante. Ele olhou pela janela e permaneceu observando, atentamente, a calçada do outro lado da larga rua de paralelepípedos, onde normalmente, àquela hora, anos antes, transitavam muitas pessoas apressadas, voltando para suas casas depois de mais um dia de trabalho ou indo se encontrar com amigos em algum café, simplesmente para conversar. Além da calçada, Karl contemplou a ampla e majestosa escadaria de mármore do imponente edifício do Parlamento austríaco, na esquina das ruas *Dr. Karl Renner Ring* com *Burgring*.

– Vivemos tempos muito estranhos e anormais – disse em voz baixa para si mesmo.

– Eu não entendi, Herr Hauer – disse Singer, olhando pelo espelho retrovisor.

– Não é nada, apenas falei o que pensei.

Estavam em guerra há quase cinco anos, e circulando pelas calçadas havia uns poucos transeuntes em trajes civis e muitos soldados envergando uniformes da *Wermacht* (tropas de defesa alemãs). Pelas ruas de pedras basálticas pretas, comboios militares iam e vinham.

Uma chuva fina havia caído e Karl podia sentir o frio úmido gelando suas pernas. Ele enfiou a mão direita dentro do casaco e puxou a corrente de ouro que formava um

pequeno arco ornamental sobre o tecido xadrez do colete.

Em sua extremidade a corrente enlaçava a alça do relógio fabricado por um refinado relojoeiro suíço, presente de Ester, sua esposa, no jantar de comemoração do primeiro aniversário de casamento. Começava a escurecer e os primeiros postes de iluminação se acenderam. Ele olhou a hora, faltavam apenas dez minutos para as cinco da tarde. Tinha um encontro marcado com o amigo e padre Franz Maurer que, por segurança, deveria ocorrer exatamente no horário previsto.

Os encontros eram realizados em uma sacristia subterrânea da Catedral de St. Stephens, localizada no centro de Viena, e precisavam ser cercados de muitos cuidados. Estavam em tempos de guerra e as atividades das pessoas eram controladas e observadas por cúmplices do regime nazista que denunciavam atividades suspeitas à polícia secreta. Em todos os locais poderia haver espiões e não havia margem para qualquer descuido ou equívoco. As ações deveriam ser pontuais, tolerando-se uma espera de apenas cinco minutos. Em caso de desconfianças ou incertezas sobre a possibilidade de um encontro seguro, o mesmo deveria ser cancelado e uma nova tentativa seria marcada em outro local, seguindo-se uma sequência antecipadamente conhecida e acertada. Os encontros sempre eram muito tensos e extremamente perigosos.

Karl olhou em volta e depois de se certificar de que não estava sendo seguido, determinou a Singer que prosseguisse, indicando um trajeto diferente para se aproximarem da *Stephensplatz*, a praça da Catedral St. Stephens, pela rua lateral esquerda. Enquanto o carro se aproximava devagar, ele observou a fachada norte da imponente igreja em estilo gótico, do século XII, cuja torre media cerca de 68 metros de altura, e estranhamente se diferenciava da torre da face sul, com 136 metros.

Ordenou ao motorista que circundasse a igreja pelos fundos e que estacionasse o carro em frente ao portão na lateral direita. Desceu do veículo, percorreu a passos largos a calçada com piso de lajotas de pedra escura, subiu os cinco degraus entre a calçada e a grade de ferro preta, abriu-a e encontrou a porta de madeira original da igreja entreaberta. Passou por ela e a fechou por dentro com um ferrolho de metal. Seu motorista conhecia o ritual e acreditava que o patrão era um fervoroso cristão que sempre se

encontrava com o padre, seu amigo de longa data, talvez para pedir conselhos, mas não entendia por que precisava seguir até o escritório da empresa e depois retornar para apanhá-lo; poderia simplesmente permanecer ali, estacionado, aguardando o seu retorno. Antes de deixar o local, Singer ficou observando o café localizado do outro lado da rua, que àquela hora ainda mantinha a porta de madeira com painéis de vidro cerradas, mas permitia que ele visse a movimentação apressada do garçom de avental preto, que preparava as mesas do apertado salão para receber os clientes que começariam a chegar a partir das cinco horas da tarde. Só então engrenou a primeira marcha e deixou o veículo se deslocar suavemente.

– Ordens são ordens! – disse baixinho, para si mesmo.

Karl entrou na igreja, circunspecto, como um fiel cristão, um pouco antes da hora marcada. Deveria antes, certificar-se de que não tinha sido seguido. Ele se dirigiu até a nave central, percorrendo o corredor lateral e ajoelhou-se no genuflexório postado à frente da porta de entrada da sacristia, localizada à sua direita. Permaneceu alguns instantes em posição de oração, com as mãos unidas, cabeça baixa e olhar atento aos transeuntes e ao seu redor. Somente depois de alguns minutos, levantou-se rapidamente, passou pela porta que fora deixada entreaberta, fechou-a com cuidado para não fazer barulho e desapareceu no interior da sacristia.

No saguão interno, percorreu os cerca de vinte metros que o separavam de uma pesada porta de madeira maciça, com fechadura de ferro. Ao girar a velha maçaneta de ferro, ela emitiu um rangido parecido com um lamento grave e assustador. A porta dava acesso a um pequeno corredor com paredes de pedras e iluminação baixa, que deixavam o local envolto em uma penumbra desconfortável, e terminava em uma escada circular de mármore verde, com quinze degraus, que descia até a sala subterrânea. Era preciso descer até a metade dela para se ter uma visão da sala abaixo. Ao chegar lá embaixo, em meio à baixa luminosidade proporcionada por duas fracas lâmpadas propositalmente colocadas em luminárias afastadas, ele divisou a silhueta de Franz Maurer a esperá-lo, ansiosamente.

Depois dos habituais cumprimentos, Karl, ainda com respiração ofegante e a sempre presente tensão, disse:

– Este nosso encontro provavelmente será o último, meu amigo.

– Por que diz isso? Há algo errado? – indagou Franz, preocupado.

– No desenvolvimento desse tipo de atividade sempre corremos sérios riscos. Risco de sermos apanhados em flagrante no momento da coleta das informações, risco de sermos apanhados depois, durante o contato e a entrega, risco de sermos interceptados e até de traições supostamente improváveis. No entanto, acredito que a nossa rede seja pequena e segura.

– Sempre tivemos alguns bons agentes de campo e cuidadosos mensageiros. O risco que corremos é sempre grande, mas estamos nos esforçando para evitar erros e não deixar rastros, não é mesmo? – perguntou Franz, desconfiado de que seu ceticismo não seria confirmado por Karl.

– Não acredite em segurança e invulnerabilidade, meu caro padre Franz. Apesar dos grandes esforços para manter o anonimato e o segredo, sempre haverá a possibilidade de deixarmos uma ponta solta, uma pista visível ou um pequeno vestígio que poderá ser investigado, interpretado e associado a outro, colocando-nos em evidência. Depois disso, enquanto houver uma mínima desconfiança, os órgãos de segurança não desistirão até descobrirem algo, e bastará uma pequena falha para que todo o trabalho de encobrimento seja desmantelado. Eu não tenho notícias animadoras. Recebi uma mensagem urgente, codificada, de Budapeste.

– E eu posso saber o teor dessa mensagem urgente?

– Claro que sim, foi para isso que o contatei. Depois que os alemães invadiram a Hungria, eles se apoderaram de todos os estamentos do governo. Tenho notícias de que a rede húngara de resistência caiu nas mãos da Gestapo e da SD.

Gestapo era a abreviação de *Geheime staatspolizei* (polícia secreta do Estado) e SD, *Sicherheitsdienst* (serviço de segurança), setor primário da inteligência alemã.

– Fui informado de que todos os agentes húngaros e seus contatos estão sendo presos. Corremos sério perigo. Não sei ao certo o que há nos registros húngaros sobre nós, mas tenho motivos para desconfiar que não tardará para termos problemas.

– Céus! Eu não esperava por isso — disse Franz Maurer, visivelmente consternado.

– Preciso que repasse ao nosso contato este lote de informações. Diga a ele que o fluxo será suspenso por enquanto e que ele aguarde novas instruções.

Um envelope pequeno foi entregue a Franz. Ele o apanhou das mãos de Karl e imediatamente levantou a batina para guardá-lo em uma bolsa de couro presa à cintura, sob as vestes eclesiásticas. Parou por um instante, como se tivesse dúvidas de como proceder, e depois de alguns breves instantes dirigiu-se até a estante de livros na parede oposta ao confessionário, apanhou uma chave pendurada na lateral da segunda prateleira e subiu as escadas até a sacristia do térreo. Quando voltou, colocou a chave novamente no lugar e disse:

– O fundo falso da caixa de dízimos, por enquanto, é o melhor local para guardar as informações. Qual o conteúdo da mensagem, Karl?

– É melhor que não saiba; quanto menos souber, melhor. Mas tenha em mente que são informações muito valiosas sobre o desenvolvimento de armas secretas do *Reich* alemão.

– Devemos suspender nosso contato por enquanto? – perguntou Franz, com o olhar espantadiço.

— Sim, temporariamente, para não colocar tudo a perder. Diante dos últimos acontecimentos e de minha suspeita de que a Allianz esteja sendo paulatinamente comprometida, precisamos nos precaver e redobrar nossa desconfiança em relação aos nazistas para evitar que descubram nossas atividades. Somente com a certeza de continuarmos anônimos e com relativa segurança, poderemos criar as condições favoráveis para voltarmos a operar secretamente.

A conversa foi paralisada, subitamente, quando eles ouviram um ruído denunciando a abertura da porta da sacristia que dava acesso ao corredor e à escada. Aquele barulho havia se mostrado muito oportuno e eficiente para alertá-los sobre a entrada de estranhos durante as conversas secretas. Um sentimento de pânico assaltou Franz. Karl olhou para o padre, elevou as sobrancelhas e o viu balançar a cabeça afirmativamente, indicando que precisavam se mexer. Era o sinal para que Karl se escondesse. Sem dizer uma só palavra, Karl indicou a Franz o sofá, para que ele se deitasse e apontou o dedo indicador para o confessionário, mostrando que se esconderia ali. Aquele era um procedimento já ensaiado que consistia em simular um pequeno repouso do padre, que se queixaria de fortes e constantes crises de dor de cabeça.

Na sacristia havia um velho confessionário de madeira escura, entalhada com motivos religiosos e uma cruz de madeira encimando a sua parte central. Karl, no momento seguinte, desapareceu dentro dele.

O confessionário era constituído por duas câmaras retangulares, justapostas com uma parede central comum, onde se localizava a grade de madeira que servia como janela de comunicação. No interior das câmaras havia bancos de madeira e cortinas de grosso veludo vermelho para tornar a confissão um ato reservado e manter a privacidade.

O enorme móvel de dois metros de altura fora deliberadamente encostado na parede da sacristia e fixado ao chão para que não pudesse ser movido. No seu interior, na madeira do fundo, havia uma secreta portinhola de oitenta centímetros quadrados, largura suficiente para passar um homem, e perceptível apenas para os que conheciam o sistema de abertura que dava acesso a uma reentrância na parede, um quadrado onde outrora se localizava uma estante escavada e entranhada na parede de tijolos, cujas prateleiras haviam sido removidas para poder servir de esconderijo para até dois homens em pé.

Franz ouviu o que parecia ser dois homens descendo a escada vagarosamente; os sapatos de sola de couro batendo no mármore da escada. Fingiu estar dormindo e permaneceu com os olhos semicerrados. Viu quando o primeiro homem chegou movendo a cabeça de um lado a outro para observar tudo ao redor. Era um tipo magro, metido em um casaco de lã preto, rosto fino, com bochechas salientes e avermelhadas. Usava um pequeno par de óculos redondos que lhe emprestavam um aspecto austero e um olhar penetrante atrás das grossas lentes. Ele parou na base da escada e olhou para Franz que permaneceu deitado com o braço dobrado sobre a testa. O outro veio, em seguida. Era mais baixo e atarracado, usava um chapéu de lã e vestia um casaco de couro preto comprido até os joelhos, jogado sobre os ombros como uma capa. Embaixo do casaco podia-se ver um terno preto, riscado, muito bem cortado e elegante. Sem dizer qualquer palavra, o primeiro homem fez sinal com a cabeça para que o mais baixo verificasse o interior do confessionário. Ele afastou a cortina, olhou e, em seguida, acenou negativamente.

– Padre Franz Maurer?

Franz simulou estar doente e debilitado.

– Sim, meu filho — respondeu com voz baixa e vacilante.

– Podemos conversar?

– Se não se importar, gostaria de adiar qualquer conversa para um momento em que eu estiver me sentindo melhor.

– Está doente? – perguntou o sujeito magro.

– Invariavelmente sou acometido por uma forte enxaqueca que me provoca náuseas – respondeu Franz com a voz entrecortada.

– Não é uma conversa religiosa, padre, e creio que não poderemos adiá-la – falou o homem magro de óculos.

– Do que se trata então? — perguntou Franz, tentando demonstrar calma e então simulou um vômito.

– Estávamos procurando pelo senhor e pelo homem que veio visitá-lo.

– Vocês já me acharam, mas não sei quem é esse outro homem que procuram. Eu não recebi qualquer visita hoje – disse, enquanto se sentava com a cabeça abaixada para não encarar os agentes que ele sabia serem da Gestapo.

– Ele entrou na sua igreja, mas nós o perdemos aqui dentro. Ele não pode ter saído sem que o tivéssemos visto.

– A Igreja não é minha, como dizem. É a casa de Deus e muitos entram para orar.

Ele simulou outra náusea e se dobrou abaixando a cabeça.

– Que seja, padre. Nós o encontraremos mais cedo ou mais tarde. Por hora, precisamos que nos acompanhe.

– E eu posso perguntar quem são vocês e para onde pretendem que eu os acompanhe?

– O senhor saberá, no momento oportuno — disse o homem mais baixo, de casaco de couro, que até aquele momento mantivera-se calado — O senhor está preso.

– Preso? Sob que acusação, o que foi que eu fiz de errado, posso saber?

– Traição e espionagem — respondeu o homem mais alto e magro, que aparentemente dava as ordens.

– Isso é ridículo! Não sou um traidor e muito menos um espião. Vocês estão enganados. Eu sou simplesmente o pároco desta igreja — protestou Franz, com veemência nas palavras e ainda sentado no sofá, com a cabeça apoiada entre as mãos. — Vocês são homens da Gestapo, não é mesmo?

Os dois homens olharam fixamente para ele e permaneceram calados. Agindo de maneira fria, o homem mais magro ordenou que o outro prendesse Franz e o levasse.

Quando foi colocado em pé, o padre simulou fraqueza nas pernas e tentou se desvencilhar das fortes mãos que agarraram o seu braço esquerdo, caindo e permanecendo sentado no chão frio.

– Respeitem o meu estado, seus covardes – gritou ele antes de se deitar no chão frio. – Respeitem um representante da Igreja.

Eles o ergueram segurando cada um em um braço e quando Franz tentou se deitar novamente, foi contido por um violento golpe na nuca que o deixou desorientado. Ainda caído, o padre foi chutado sem piedade nas costelas para que se levantasse. Em seguida, os dois homens o agarraram e o colocaram em pé novamente. Franz foi empurrado escada acima e os seus gemidos não sensibilizaram os agentes da Gestapo. A ação dos agentes e o tratamento dado a Franz ecoaram pelo confessionário subterrâneo e Karl pôde acompanhar tudo com apreensão. Após Franz ser levado preso, o ambiente mergulhou em um cáustico e doloroso silêncio.

*"O que acontecerá com Franz agora?"* – pensou Karl, muito preocupado com a situação do amigo.

Ele sabia que Franz seria interrogado e torturado para revelar os segredos que eles buscavam, e mais cedo ou mais tarde ele cederia. Karl sentiu-se oprimido e com vontade de sair logo daquele ambiente claustrofóbico, queria gritar e sair correndo, lutar contra os nazistas e libertar o amigo Franz das garras da Gestapo, mas era preciso manter a calma, ser paciente. Começou a calcular o tempo para prever o retorno de Singer e esperar o momento certo para sair e fugir em segurança. Havia muitas coisas importantes a fazer antes de deixar a igreja e a principal era resgatar os documentos escondidos no fundo da caixa de dízimo e repassá-los o quanto antes.

# Parte um

# Antecedentes